

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FAE- Faculdade de Educação

CECIMIG – Centro de Ensino de Ciências e Matemática de
Minas Gerais

**Orientação Sexual, sequência didática com
abordagem investigativa**

Andreisa Bahia dos Santos Souza

Belo Horizonte

Agosto de 2016

Andreisa Bahia dos Santos Souza

**Orientação Sexual, sequência didática com
abordagem investigativa**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Ciências por Investigação do CECIMIG da Faculdade de Educação da UFMG, como requisito parcial para obtenção de título de Especialista em Ensino de Ciências.

Orientadora: Lúcia M. Porto de Paula

Belo Horizonte
Agosto de 2016

AGRADECIMENTOS

À Deus por me dar saúde e força para realizar esse curso.

À meu esposo Cássio pelo carinho, paciência, dedicação e amor com nossa família.

Ao Tiago por suportar diversas vezes minha ausência, a mamãe te ama incondicionalmente.

Meus pais, exemplo de vida que sempre me apoiaram em todos os momentos da minha vida.

Ao André que mesmo de longe manteve seu carinho e apoio.

Minha sogra Graça que sempre me ajudou nos momentos de correria.

Aos tutores do Curso de Ensino de Ciências por Investigação pela dedicação e paciência, Polyana e Luíza obrigado por tudo.

Aos colegas de curso em especial Antônio, Marcos e Renata pela companhia e amizade.

À Lúcia M. Porto minha orientadora um amor de pessoa pela sua dedicação e carinho, ensinamentos e contribuições profissionais e pessoais.

Enfim, a todos que de alguma forma contribuíram para o desenvolvimento desse trabalho.

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas transferir as possibilidades
para sua própria produção ou a sua construção”

Paulo Freire

RESUMO

A orientação sexual é de grande importância para nossos jovens, visto que, muitos têm dificuldade de desenvolver sua identidade; pois preocupam-se em seguirem um padrão sexual imposto pela sociedade. Constata-se também altos índices de gravidez e de doenças sexualmente transmissíveis na adolescência. Os estudos sobre Educação Sexual ainda são poucos no Brasil. É necessário que as instituições de ensino e professores busquem meios para se capacitarem e desta forma desenvolverem novas metodologias de ensino que possam ajudar na orientação e construção de conhecimento dos estudantes. O objetivo do presente trabalho foi desenvolver uma sequência didática em educação sexual utilizando a metodologia investigativa e avaliar sua contribuição no desenvolvimento para o conhecimento científico. O ensino de ciências por investigação proporciona ao aluno uma autonomia para desenvolver suas habilidades, e ao professor a oportunidade de desenvolver novas práticas de ensino. Favorecendo condições para que os jovens possam se desenvolverem perante a sociedade, em relacionamentos, na comunicação, no comportamento e saúde sexual de forma crítica e responsável. A sequência didática foi aplicada em uma turma de 1º ano do Ensino Médio composta por 38 alunos. Foi realizada uma abordagem com a metodologia mista quali-quantitativa, para a observação e coleta dos dados, utilizando o método de observação participante. As aulas foram desenvolvidas a partir da construção e desenvolvimento de sequência de oficinas sobre orientação sexual, trabalhadas dentro de uma abordagem investigativa. O grupo de alunos participantes se mostrou imaturo e com pouco conhecimento sobre o tema. Quando questionados se sexualidade é sinônimo de relação sexual, 58% dos alunos afirmaram que sim, 23.6% negaram e 18.4% disseram não saberem. Os estudantes não sabem sobre o coito interrompido e nem como funciona a tabelinha (84%). Ainda temos um longo caminho a percorrer para que a orientação sexual nas escolas se torne um tema trabalhado de forma interdisciplinar, lembrando que além de ensinar o papel biológico devemos ter participação na formação social dos jovens, contribuindo para as tomadas de decisão durante sua vida. Sabemos que a tarefa é difícil, mas não podemos esquecer que a escola e família têm o dever de orientar os jovens de forma dialógica em sua sexualidade

Palavras – chave: Orientação Sexual, Ensino por investigação, Educação sexual

ABSTRACT

Sexual education is very significant to young people because many of them have trouble to find their identity related to sexuality. They have to worry about standard sexual patterns imposed by society and the high number of teen pregnancy cases. They also have to think about DST. The school is the right place to discuss sexuality although it is very important to remember that the Family plays the main role in the education of the children. It is a must that schools and teachers search new ways and methodologies to improve the guiding and knowledge of the students. The aim of this paper is to develop a didactic sequence in sexual orientation through questioning methods and evaluate the contribution for the development of the Science. The teaching of Science through questioning enables the students to self develop new abilities and, to the teachers, it gives the possibilities of new approach's. This method offers ways to young people to have better relationships in the society, improving communication, behaviors, sexual health with responsibility and criticism. The didactic sequence was applied to a class of the first year of the Medium School with 38 students. The approach was through a mixed quali-quantitative methodology to observe and obtain data. It was an interactive method. The classes were developed after the sequence of workshops on sexual orientation with investigative outlook. The students of these workshops revealed immaturity and little knowledge on the subject. The students had to answer a question about sexuality. They were argued if it is a synonym of sexual intercourse and 58% agreed with it, 23.6% didn't agree and 18,4% answered that they didn't know the right answer. We still have a long way to go in order to have sexual education in schools as a subject developed in all disciplines. It is important to remember that beyond the teaching of biological Science, the school should contribute for the social development of the students in order to help them to make better options in their lives. We know that it is a hard task but we cannot forget that the school and the Family have the duty of guiding the students in a dialogical way in their sexuality.

Key-words: Sexual orientation, Teaching through questioning, Sexual education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Intenções ou propósitos de ensino inspirado em Mortimer e Scott (2002).....	18
Quadro 2 - Resultado do pré teste do grupo de alunos pesquisados.....	21
Quadro 3 - Desenhos do aparelho reprodutor masculino e feminino.....	24

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. OBJETIVO GERAL.....	11
2.1 Objetivos específicos.....	11
3. REFERENCIAL TEÓRICO	
3.1 Educação sexual.....	11
3.2 Atividade investigativa.....	14
4. METODOLOGIA.....	16
5. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	20
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	30
8. ANEXOS.....	34

1. INTRODUÇÃO

Como professora de biologia, sempre tive interesse e facilidade em trabalhar com os adolescentes as questões afetivas e sexuais. Percebo que a maioria deles têm dificuldade em conversar e entender uma série de mudanças que ocorrem no corpo durante a puberdade. Para os adolescentes, essa fase é cheia de novidades, aprendizados, experiências e mudanças, aliado ao fato de que os jovens estão se tornando mais maduros sexualmente de forma rápida, e, na maioria das vezes, sem preparo e conhecimento para assumir e conduzir esse sentimento. Diversos autores têm atentado para isso, por exemplo, Alencar et al., (2008); Ribeiro et al. (2009) e Oliveira, Lima e Pagan (2012).

No Brasil, são poucos os estudos relacionados ao exercício da sexualidade e à abordagem da educação sexual (PIASENTIM E BRAGA, 2009). Acredita-se que isso se deva ao fato do tema não abordar apenas as características biológicas e afetivas, mas envolver gênero, cultura, crenças e outros aspectos que geram opiniões discrepantes. E, segundo Suplicy (1999, p.37), por provocar sentimentos não compreendidos, portanto, frequentemente desagradáveis, gera um desejo de resolução desses conflitos, dificultando a possibilidade de reflexão sobre o tema.

Vigotski (2007, p. 58) em seu livro “A formação social da mente”, cita que “A transformação de um processo interpessoal num processo intrapessoal é o resultado de uma série de eventos ocorridos ao longo do desenvolvimento”. Sendo de extrema importância para o ser humano a construção de conceitos e definições ao longo de sua formação social que irão contribuir de forma sistemática para a transformação e mudanças ao longo do desenvolvimento humano. Segundo Lima, Junior e Paula (2015, p. 9) “o desenvolvimento se dá na relação com outros indivíduos em ambientes e instituições sociais determinados (família, escola, amigos, espaços coletivos e informais de convívio)”. Destacando, assim, a importância dessa temática dentro das instituições de ensino.

Sexualidade é algo que se constrói e aprende, e faz parte do desenvolvimento e da personalidade do indivíduo, capaz de interferir na alfabetização, desempenho escolar e comportamentos, a escola não pode ignorar essa dimensão do ser humano e deve investir na formação de seus professores (SUPLICY, 1999). De acordo com Piasentim e Braga (2009, p.20) “Na família o diálogo é ainda pobre ou inexistente; na escola, o debate é tímido e ocorre voltado mais para os aspectos biológicos,

reforçando a ideia da sexualidade ligada à reprodução”. As famílias muitas vezes não se sentem à vontade em discutir sobre o assunto e preferem transmitir essa responsabilidade às escolas.

Diante dessa realidade, Cano, Ferriane e Gomes (2000), sugerem que o tema deva ser discutido entre pais, educadores e profissionais da saúde, promovendo informações para a iniciação sexual de forma segura e responsável. Nessa mesma linha de pensamento, Alencar et al. (2008), sugerem que as intervenções devem ser feitas levando em consideração o contexto familiar e social no qual o jovem está inserido, compreendendo crenças e valores.

As formas de viver a sexualidade são influenciadas pelo meio cultural. Louro (2000, p.65) afirma que “os sujeitos aprendem no interior da cultura determinados comportamentos e atitudes que naquele ambiente são considerados adequados para expressar seus impulsos e desejos sexuais.” Por isso é essencial conhecer um pouco da cultura da comunidade em que se está trabalhando, tentar entender determinadas atitudes comportamentais e orientar os jovens sem interferir nas suas crenças e valores. Alguns autores destacam que a escola acaba negando o fato de que fatores psicológicos, sociais, históricos, e culturais apresentam forte influência sobre ela e também sobre a forma como os sujeitos delas se apropriam (RIBEIRO et al. 2009, TONATTO E SAPIRO, 2002).

A educação sexual, dessa forma torna-se um desafio para a sociedade no sentido de se buscar a melhor forma de orientar os jovens. Cabe salientar que a adolescência é uma fase de amadurecimento e os atos praticados nela podem ter consequências positivas e negativas por toda a vida do indivíduo. Segundo a Organização Mundial da Saúde, 22% dos adolescentes fazem sexo pela primeira vez aos 15 anos de idade. Os reflexos e as consequências dessa realidade aparecem nos altos índices de gravidez na adolescência e de contaminação por Doenças Sexualmente Transmissíveis. Dados do Ministério da Saúde indicam que o número de soropositivos chegou a 592.914 da década de 1980 até 2010.

Percebo que a maioria dos professores têm dificuldade em trabalhar educação sexual com os adolescentes de forma significativa, prazerosa e interessante. Sendo assim, a educação sexual temática transversal, tão importante no desenvolvimento pessoal e social do adolescente, acaba não sendo trabalhada de forma a integrar diferentes saberes, não contemplando a interdisciplinaridade, e a responsabilidade

acaba ficando apenas com o professor de biologia. De acordo com Tonatto e Sapiro (2002, p.172) “a abordagem interdisciplinar pode contribuir para a busca de raciocínio crítico e conhecimento na problematização dos temas referentes à sexualidade de forma integrada e não alienada ao contexto em que vivem”. É necessário que as instituições de ensino e professores busquem recursos para se capacitarem e desta forma desenvolvam novas metodologias que possam contribuir na orientação e construção de conhecimentos dos estudantes.

2. OBJETIVO GERAL

Desenvolver uma sequência didática em educação sexual utilizando a metodologia investigativa e avaliar sua contribuição no desenvolvimento para o conhecimento científico. Favorecer condições para que os jovens possam se desenvolver diante da sociedade, em seus relacionamentos, na comunicação, no comportamento e na saúde sexual de forma crítica e responsável.

2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar e analisar os conhecimentos prévios dos estudantes sobre educação sexual;
- Orientar e introduzir os conhecimentos científicos, de acordo com a realidade dos alunos;
- Aplicar a metodologia investigativa no desenvolvimento das oficinas sobre sexualidade;
- Propiciar questionamentos e reflexões sobre temas relacionados à sexualidade;

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Educação sexual

É difícil trabalhar com temas relacionados à educação sexual, entre outros motivos, ao contextualizá-la em sala de aula com os alunos, revemos nossos conceitos e conseqüentemente os reformulamos; o que não é tão simples haja vista termos nestes momentos que nos desvencilharmos de conceitos morais trazidos ao

longo da nossa vivência. Segundo Piasentim e Braga (2009, p.9) “a educação sexual passa pela educação do educador. O professor deve estar consciente da beleza e da dignidade do sexo. Deve encarar com tranquilidade a curiosidade da criança”. Quando tratamos sobre sexualidade trazendo o ponto de vista dos alunos, é importante o preparo do professor para lidar com certas situações tais como: tabus, valores e preconceitos. Faz-se necessário ter um certo “jogo de cintura” para saber lidar com diversas situações que podem ser apresentadas. Para Souza (1991, p. 18) Educação Sexual é:

Oferecer condições para que um ser assuma seu corpo e sua sexualidade com atitudes positivas, livre de medo e culpa, preconceito, vergonha, bloqueios ou tabus. É um crescimento exterior e interior, onde há respeito pela sexualidade do outro, responsabilidade pelos seus atos, direito de sentir prazer, se emocionar, chorar, curtir sadiamente a vida. É ter direito a esse crescimento com confiança, graças às respostas obtidas aos seus questionamentos, podendo criticar, transformar valores, participar de tudo de forma sadia e positiva, sempre buscando melhores relacionamentos humanos.

A educação sexual deve ter um caráter formativo amplo, que propicie a livre discussão de normas e padrões de comportamentos em relação ao sexo, deixando os jovens pensarem e refletirem sobre suas atitudes, sem interferir nos valores morais e religiosos dos jovens. As mudanças evolutivas pela qual o ser humano passa ao longo da sua vida são adquiridos na escola, de forma formal ou da convivência com a comunidade escolar promovendo o conhecimento informal (PIASENTIM e BRAGA, 2009).

As instituições de ensino têm papel fundamental no desenvolvimento humano e no crescimento pessoal do indivíduo, é necessário esclarecer a diferença entre orientar e educar, Suplicy et al (1994) explica as duas práticas:

Educação Sexual, se define como todo o processo informal pelo qual aprendemos sobre a sexualidade ao longo da vida, seja através da família, da religião, da comunidade, dos livros ou da mídia. Enquanto se define Orientação Sexual como processo de intervenção

sistemática na área da sexualidade, realizado principalmente em escolas. Que se propõe fornecer informações, organizar espaços de reflexões e questionamentos sobre posturas, tabus, crenças e valores a respeito de relacionamentos e comportamentos sexuais.

Acredita-se que a escola interfira na orientação sexual do adolescente de forma significativa. Jardim e Brêtas (2006, p.3) “definem a escola como cenário apropriado, por que além da ação direta que exerce sobre os educandos, indiretamente incentiva a própria família a desempenhar o seu papel”. Sendo assim, as instituições de ensino, em conjunto com seu corpo docente, devem orientar seus educandos, contribuindo para que eles possam desenvolver compromisso e responsabilidade na vida afetiva e sexual.

A sociedade aos longos dos anos estereotipou um modelo de conduta específica para o masculino e o feminino em razão do seu sexo. Porém, a construção de identidade ultrapassa os limites impostos pela questão pura e simples determinadas pelo sexo biológico, é uma escolha. As decisões tomadas por cada um de nós ao longo de nossa vivência permitem definir o que chamamos de identidade de gênero:

Estudiosas e estudiosos feministas têm empregado o conceito de gênero para se referir ao caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo; assim sendo, as identidades de gênero remetem-nos às várias formas de viver a masculinidade ou a feminilidade. No campo teórico dos estudos feministas, gênero e sexualidade são, ambos, constructos sociais, culturais, históricos. No entanto, essa não é uma formulação amplamente aceita, especialmente quando se trata da sexualidade. (LOURO, 2000, p. 63-64)

O corpo precisa ser entendido como um todo, não como peças fragmentadas, isso facilita o entendimento dos jovens com a imagem que se tem dele e sua relação com a identidade de gênero. Precisam ser percebidas além dos aspectos biológicos e fisiológicos, as sensações, desejos e emoções. (SUPLICY, 1999). É preciso que o

jovem, durante a discussão de temas mais polêmicos, amplie sua visão acerca do assunto, de forma a construir seus conhecimentos dentro de seus valores respeitando escolhas e construindo sua própria identidade.

Segundo Piasentim e Braga (2009, p.9) “Outro desafio da educação sexual na escola é o de orientar os alunos para a liberdade. O educador sexual não poderá permitir tudo nem reprimir nada”. Discutir o assunto sem expressar diretamente opiniões formadas que poderão ir contra os costumes e crenças e valores dos jovens e isso é tarefa bem difícil. O educador terá de informar, passar conhecimentos e simultaneamente dar condições para o educando de construir um sistema de valores pessoal.

O professor orientador não tem que dizer o que é certo ou errado, nem dar conselhos. Ele é um catalizador da discussão, um grande escutador, uma pessoa que mostra respeito pelo que o aluno pensa e que possibilita ao aluno a crítica e o pensamento. No momento em que o professor orientador disser: isso é melhor que aquilo, ele sai do seu papel de orientador (SUPLICY, 1992, p. 37).

O profissional da educação deve estar preparado para enfrentar vários questionamentos e lidar com diferentes formas de pensar e agir que envolve nossa sociedade e sua diversidade cultural e entender mais sobre os temas que envolvem a sexualidade, procurando ajudar os adolescentes a desenvolverem sua sexualidade de forma responsável e prazerosa utilizando os conhecimentos biológicos associados a prática e suas vivências.

3.2 Atividade investigativa

Ensinar ciências implica introduzir os estudantes em uma diversidade cultural, de modo a propiciar condições para que eles se apropriem e se relacionem com outras dimensões de sua cultura e com a realidade concreta de suas vidas, em suas múltiplas dimensões (LIMA, JUNIOR E PAULA, 2015). No âmbito das práticas pedagógicas inovadoras, é possível considerar uma sequência didática com abordagem investigativa, uma aliada para se tentar atingir e motivar os alunos partindo-se dos

problemas apontados por eles. Pode-se considerar o ensino de Ciências com abordagem investigativa como uma atividade que depende da habilidade não só de construir questões sobre o mundo natural, mas também de buscar respostas para essas questões, não necessariamente estando atreladas a atividades experimentais (SÁ *et al*, 2007).

De acordo com o PCN (BRASIL, 1997) o trabalho de Orientação Sexual na escola se faz problematizando, questionando e ampliando o leque de conhecimentos e de opções para que o próprio aluno escolha seu caminho. Segundo Lima e Martins (2014), “atividades investigativas, possibilitam o desenvolvimento da autonomia e da capacidade de tomar decisões, avaliar, resolver problemas, apropriando-se dos conceitos e teorias das ciências da natureza”. Dessa forma, quando colocamos os alunos diante de problemas vivenciados por eles, instigamos a discussão sobre o assunto, visto que ele necessita de questionar, buscar respostas para seus questionamentos, relacionar o problema com outras questões já discutidas, e dessa forma assim, construir uma resposta para suas dúvidas.

Leite, Rodrigues e Junior (2014, p.2), “destaca o uso do ensino por investigação, ser considerado indispensável por muitos professores para o bom desenvolvimento da aprendizagem de conhecimentos científicos”. Essa prática visa permitir ao professor, diversificar sua metodologia escolar favorecendo a construção dos conhecimentos do educando de forma significativa e prazerosa buscando a resolução de problemas. Além de auxiliar no ensino de ciências, baseando na realidade social e cultural do aluno, visando a formação do cidadão crítico.

Como destaca Lima e Martins (2014), aprender a investigar envolve aprender a observar, planejar, levantar hipóteses, realizar medidas, interpretar dados, refletir e construir explicações de caráter teórico. Dessa forma cabe ao docente apresentar aos estudantes a metodologia do ensino por investigação, para a apropriação dos conhecimentos científicos e o desenvolvimentos de habilidades.

As atividades de caráter investigativo implicam, inicialmente, na proposição de situações-problema, que, então orientam e acompanham todo o processo de investigação. O professor aborda um problema dentro do tema trabalhado e constrói juntos com seus alunos as hipóteses e argumentos, utilizando os conhecimentos prévios e

aplicando os conhecimentos científicos. Essa abordagem possibilita o aluno construir seus conhecimentos acerca de suas próprias experiências de vida. (LIMA e MARTINS, 2014, p.5):

O ensino de ciências por investigação proporciona ao aluno autonomia para desenvolver suas habilidades, e, ao professor a oportunidade de desenvolver novas práticas de ensino. Leite, Rodrigues e Junior (2014, p.3) destaca que “O profissional da educação, necessita constantemente repensar seus saberes adquiridos durante a formação inicial, pela dinamicidade da evolução dos conhecimentos científicos e transformações que ocorrem na sociedade”. Sendo assim, de acordo com Lima, Aguiar e Braga (2000), é possível contribuir para um ensino sociointeracionista, que favoreça os alunos tornarem-se protagonistas nos processos construtivos para a apropriação de conceitos e habilidades científicas. E que esse conhecimento possa ser levado para seu convívio social e usado como forma de orientá-lo nas questões sexuais.

4. METODOLOGIA

O presente trabalho foi desenvolvido em uma escola pública que atende: alunos do Ensino Fundamental e Médio, Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Magistério. Está localizada na região periférica da cidade de Santa Luzia/MG, em uma comunidade que convive com uma série de problemas sociais, sendo considerada área de alta vulnerabilidade, com escassez de serviços privados, baixa cobertura de equipamentos públicos e unidades de saúde que visam garantir direitos sociais e bem estar. A escola tende a ser o principal equipamento público de referência, e acaba sendo chamada a responder pelos problemas sociais dessa região, sem ter condições para fazê-lo satisfatoriamente. A instituição é composta de crianças e jovens com baixos recursos financeiros.

A sequência didática foi aplicada em uma turma do 1º ano do Ensino Médio composta por 38 alunos. Foi realizada uma abordagem com a metodologia mista quali-quantitativa que, segundo Dal-Farrá e Lopes (2013, p. 70), “possibilita ganhos relevantes e respostas mais abrangentes durante a pesquisa investigativa e exploratória, buscando a quantificação de dados e qualificação dos fatos no decorrer da pesquisa”. Dessa forma, devemos destacar as características de cada método:

As potencialidades das abordagens quantitativas incluem a operacionalização e a mensuração acurada de um construto específico, a capacidade de conduzir comparações entre grupos, a capacidade de examinar a associação entre variáveis de interesse e a modelagem na realização de pesquisas. As potencialidades qualitativas incluem a capacidade de gerar informações mais detalhadas das experiências humanas, incluindo suas crenças, emoções e comportamentos, considerando que as narrativas obtidas são examinadas dentro do contexto original em que ocorrem. (DAL-FARRÁ e LOPES, 2013, p.70-71)

Para a observação e coleta dos dados, utilizei o método de observação participante. O ato de observar é utilizado pelo ser humano para conhecer e compreender as pessoas, as coisas, os acontecimentos e as situações que se concebe uma noção real do ser ou ambiente natural, como fonte direta dos dados (QUEIROZ et al, 2007). Foi aplicado um pré teste em forma de questionário, e utilizado um diário de campo para descrever os acontecimentos em tempo real, possibilitando obter a informação na ocorrência espontânea do fato. Para analisar os dados, parti das minhas observações relacionando com os referenciais teóricos, analisando e discutindo as interações dos estudantes como a metodologia investigativa e os resultados alcançados para o aprendizado científico e social dos alunos.

As aulas foram desenvolvidas a partir da construção e desenvolvimento de sequência de oficinas sobre orientação sexual, trabalhadas dentro de uma abordagem investigativa. As oficinas procuram facilitar a reflexão e discussão de ideias com a finalidade de problematizar o conteúdo de suas crenças e discursos possibilitando a apropriação crítica em relação aos seus processos identitários (TONATTO E SAPIRO, 2002). A partir de uma metodologia participativa, foram apurados problemas dentro do tema, que eram analisados, interpretados, discutidos, para gerar hipóteses, reflexão e construção de conhecimentos. Promovendo, assim, uma aula expositiva dialógica por meio de debates, textos, reportagens, filmes, vídeos, materiais lúdicos e científicos.

Para auxiliar no desenvolvimento da sequência didática, apliquei as intenções ou propósitos de ensino inspirado em Mortimer e Scott (2002) com adaptações propostas por Aguiar e Paula, (2015).

Quadro 1: Intenções ou propósitos de ensino inspirado em Mortimer e Scott (2002):

Intenções de Ensino	Foco
1. Apresentar um problema. (Problematizar).	Engajar os estudantes intelectual e emocionalmente com o estudo de um determinado tema.
2. Explorar as ideias dos estudantes. Levantar ou organizar conhecimentos prévios.	Examinar as visões dos estudantes, desafiando-os a explicitar e sustentar seus pontos de vista. Fazê-los pensar sobre a validade e alcance de suas ideias.
3. Introduzir e desenvolver as ideias científicas para interpretar.	Tornar disponíveis, no plano social da sala de aula, e por meio de estratégias variadas, os significados das ideias das ciências.
4. Guiar os estudantes no trabalho com as ideias científicas com vistas à sua internalização.	Prover oportunidades para que os estudantes possam falar e pensar nas ideias científicas no contexto de tarefas relevantes. Oferecer suporte para que possam aplicar essas ideias a uma variedade de situações e contextos, transferindo responsabilidade aos estudantes nesse processo.
5. Estruturar as ideias científicas	Prover comentários à estrutura explicativa que vai sendo construída, estabelecendo pontes com o que já foi visto, e, com aquilo que será feito adiante.

Nota fonte: MORTIMER, E.; SCOTT, P. Atividade discursiva nas salas de aula de ciências: uma ferramenta sociocultural para analisar e planejar o ensino.

Investigações em Ensino de Ciências, v.7, n.3, 2002.

- **Desenvolvimento das oficinas**

1ª Oficina: O que eu sei sobre sexualidade? (Pré-teste)

Investigação exploratória para levantamento de conhecimentos prévios dos alunos sobre educação sexual em forma de questionário estruturado (ANEXO 3).

2ª oficina: Problematizar para orientar sobre Educação Sexual.

Profissão repórter: Eu escolhi esperar
<https://www.youtube.com/watch?v=fIFQKwkW-No>

Por meio do vídeo, foram demonstrados os principais problemas ligados à sexualidade que podem interferir na vida afetiva e sexual dos jovens. Após o vídeo foi

realizado um debate sobre as principais questões: virgindade, gravidez na adolescência, conversar sobre sexualidade com os pais, esperar o casamento para ter a primeira relação sexual e as mudanças que ocorrem na vida do adolescente.

3ª Oficina: João e Maria

Problematização: O que eu conheço sobre meu corpo?

A turma foi dividida em grupos, cada um recebeu uma cartolina e foi pedido para desenhar um corpo de menino e outro de menina abordando o aparelho reprodutor masculino e feminino. Os alunos foram questionados sobre as estruturas do aparelho reprodutor bem como suas funções e localização no corpo e os hormônios sexuais e suas funções no desenvolvimento do corpo do homem e da mulher, sistematizando uma série de dúvidas e questionamentos.

4ª Oficina: A partir de qual momento a mulher é capaz de ter filhos?

Problematização: Existe um momento certo para se ter filhos?

Foi exibido o filme “Juno” para problematizar o assunto e criar uma discussão: há um momento certo para se iniciar uma vida sexual? Após a exibição foram discutidos alguns assuntos abordados no filme como: a gravidez na adolescência e suas etapas, ciclo menstrual, a maturidade para ser pai e mãe, aborto, bebês para a adoção e o apoio da família durante a fase de gestação.

5ª Oficina: Semáforo dos métodos contraceptivos

Problematização: Quais fatores determinam na escolha dos métodos contraceptivos entre os jovens?

Os alunos foram divididos em grupos, os métodos contraceptivos foram apresentados com suas bulas e orientações para que os alunos pudessem ver, manusear, compreender e discutir os pontos positivos e negativos de cada método apresentado. Os grupos preencheram uma tabela que indicava por meio de cores a confiabilidade de cada método contraceptivo analisado e suas observações (ANEXO 4). Essa metodologia possibilitou aos alunos criarem argumentos e hipóteses para definirem qual o método mais apropriado na visão deles após a análise investigativa e apuração dos conceitos científicos.

6ª Oficina: Doença não tem cara

Problematização: quem vê cara não vê doença.

Vídeos e imagens das principais doenças sexualmente transmissíveis, foram apresentados para apurar o questionamento dos alunos e promover discussões sobre os sintomas, os modos de prevenção e formas de tratamento das DST's.

7ª Oficina: O que eu aprendi sobre sexualidade? (Pós-teste)

Os alunos formaram uma roda onde uma caixa foi circulando ao som de uma música. A caixa continha as perguntas que foram feitas durante o pré-teste e outras que se destacaram no decorrer das oficinas. Quando a música parava, o aluno que estava com a caixa retirava uma pergunta para responder, se ele não soubesse a resposta os demais alunos os ajudava. A professora pesquisadora fazia as intervenções quando necessário. Essa prática possibilitou aos jovens elaborarem respostas sobre de suas experiências de vida, utilizando-se dos conhecimentos científicos construídos ao longo das oficinas.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para avaliação dos conhecimentos prévios e concepções dos alunos a respeito da sexualidade, na primeira oficina “o que eu sei sobre sexualidade?” foi aplicado um pré teste estruturado em uma turma de 38 alunos do 1º ano do ensino médio, com intuito de direcionar a organização das oficinas que foram aplicadas posteriormente. Segundo Ribeiro et al (2009, p. 27), “o diagnostico prévio é uma etapa que não pode ser desconsiderada, pois permite identificar as necessidades e expectativas e quais conhecimentos os alunos possuem sobre o assunto”. Os dados desse levantamento foram tabulados e o resultados apresentados em porcentagem.

Os adolescentes que participaram do pré teste tem idades que variam entre: 14 anos (15.8%), 15 anos (50.0%), 16 anos (21.0%) e 17 anos (13.2%). Segundo Ribeiro et al (2009, p. 24) “é neste momento que precisam ter acesso a informação e ao saber científico em relação à sexualidade, a fim de utilizarem como orientações nas suas atitudes”.

Quadro 2: Resultado do pré-teste do grupo de alunos pesquisados.

	Verdadeiro	Falso	Não sei
1. Sexualidade é sinônimo de relação sexual.	58%	23.6%	18.4%
2. A sexualidade inicia-se na adolescência e termina na 3ª idade.	50.0%	18.5%	31.5%
3. Indivíduos do sexo masculino que tomam testosterona a longo prazo desenvolvem mais os caracteres sexuais secundários.	15.8%	13.2%	71.0%
4. Quem tem boas companhias não precisa se preocupar com as DST (Doenças Sexualmente Transmissíveis).	13.1%	78.9%	8.0%
5. O preservativo protege contra todas as DST e contra a gravidez indesejada.	81.6%	5.2%	13.2%
6. Quando a mulher toma pílula, o homem não precisa usar preservativo, pois ambos estão protegidos contra gravidez e DST.	13.1%	63.2%	23.7%
7. A contracepção de emergência (pílula do dia seguinte) pode ser usada constantemente.	8.0%	55.2%	36.8%
8. O preservativo é um método usado somente pelos homens.	8.0%	92.0%	0.0%
9. Na primeira relação sexual desprotegida, não há risco de engravidar.	8.0%	71.0%	21.0%
10. Usar dois preservativos protege mais que usar um.	31.6	47.4%	21.0%
11. Uma menina de 12 anos que ainda não menstrua teve sua primeira relação sexual sem proteção e engravidou.	15.8%	60.5%	23.7%
12. A menstruação é a liberação do óvulo não fecundado.	39.5%	13.1%	47.4%
13. Espermatozoide e óvulo são as células reprodutoras do homem e da mulher respectivamente.	68.3%	8.0%	23.7%
14. Fecundação é o encontro entre óvulo e espermatozóide e ocorre no útero originando o embrião.	55.2%	8.0%	36.8%
15. O primeiro sintoma da gravidez é o atraso menstrual.	76.3%	10.5%	13.2%
16. Sexo oral transmite DST.	42.1%	31.6%	26.3%
17. Toda menina menstrua com 12 anos de idade.	18.4%	65.8%	15.8%
18. O Exame de toque é feito nos homens para avaliar o funcionamento da próstata.	60.5%	5.2%	34.3%
19. Todas as DST têm tratamento e cura.	10.5%	63.2%	26.3%
20. O coito interrompido e a tabelinha são métodos contraceptivos muito eficientes.	8.0%	8.0%	84.0%

Para iniciar o desenvolvimento das oficinas em Educação Sexual foram problematizados os assuntos que mais se destacam entre os adolescentes com relação ao tema. As oficinas sobre sexualidade corroboram ideias sugeridas pelos PCN, elas fazem uso de abordagem interdisciplinar pois valorizam discussões de diversos temas com viés biológico, psicológico e social. Além disso, o tema é de relevância social e motiva os jovens em seu desenvolvimento de habilidades críticas (TONATTO E SAPIRO, 2002).

Na segunda oficina, após a exibição da reportagem do programa Profissão Repórter, foi possível realizar uma discussão e abordar as dúvidas e questionamentos surgidos entre os alunos, em uma roda de conversas mediada pela professora pesquisadora. Essa abordagem enriqueceu a discussão, evidenciando uma postura autônoma por parte dos alunos ao opinarem e serem críticos diante de situações vivenciadas. De acordo com, Lima e Martins (2014, p. 6) “O sujeito que aprende é aquele que se dispõe a atribuir significados ao mundo e a confrontar suas explicações com as dos outros, com as próprias ideias e com as alheias”.

A primeira questão abordada na discussão foi, a que indagava se “sexualidade é sinônimo de relação sexual”, 58% dos alunos afirmaram que sim, 23.6% negaram que a sexualidade é sinônimo de relação sexual e 18.4% disseram não saber. De acordo com Suplicy (1999, p. 245) “sexualidade não é somente sexo, existe toda uma afetividade essencial ao ser humano”. A sexualidade envolve um conjunto de emoções e sentimentos que podem ser sentidos, experimentados e vivenciados ao longo da vida. Quando os alunos foram questionados se a sexualidade inicia-se na adolescência e termina na 3ª idade, 50.0% do grupo disseram que sim, 18.5% negaram e 31.5% disseram não saber. Demonstrando, assim, que metade do grupo não tem os conhecimentos necessários para entender que a sexualidade se faz presente por toda a vida de um indivíduo.

A sexualidade para muitos do grupo é uma questão que gera timidez, angústia e muitas dúvidas, principalmente, depois da primeira relação sexual que segundo Cano, Ferriani e Gomes (2000, p. 22), “no Brasil a idade média é de 16,9 anos para meninas e 15 anos para meninos, sendo que essa iniciação precoce não vem acompanhada de cuidados com a anti concepção”.

Quando se iniciou uma discussão sobre virgindade, ficou claro que para as meninas, essa questão é bem sentimental e importante para a vida amorosa. Para os meninos, perder a virgindade é uma questão de ganhar pontos no grupo de amigos. Sobre virgindade as mulheres têm preocupação de prestar contas do próprio corpo, como se o hímen lhe conferisse maior ou menor valor no mercado, servindo como prova de honestidade da mulher para o homem (SUPLICY, 1999).

Ambos os sexos concordaram que a virgindade não atrapalha uma relação amorosa e a maioria relatou ter medo de conversar com os pais sobre a primeira relação sexual e acabam relatando experiências e tirando dúvidas apenas com os amigos mais próximos. De acordo com Tonatto e Sapiro (2002, p. 169) “segundo os adolescentes isso se deve ao fato de terem idades próximas, os amigos entendem melhor os problemas da adolescência”. Na reportagem exibida, foram destacados outros problemas relacionados à sexualidade, que foram discutidos com o grupo, como o casamento e a gravidez na adolescência.

Os adolescentes do grupo são imaturos e muitos são inseguros na hora de opinar: grande parte relatou ter o desejo de se casar futuramente, muitos tem consciência dos problemas oriundos de uma gravidez na adolescência e o conhecimento de alguns métodos contraceptivos, por exemplo, a camisinha e a pílula. As inseguranças e as preocupações dos adolescentes são um espelho do mundo dos adultos, um reflexo dos padrões repressivos, machistas, estereotipados da nossa sociedade, no qual o rapaz é visto como homem a partir de seu desempenho sexual e a mulher se vê na necessidade de agradar mais ou menos o homem (SUPLICY, 1999).

Durante a realização da terceira oficina foram confeccionados cartazes exemplificando bonecos de ambos os sexos com as estruturas que fazem parte do aparelho reprodutor feminino e masculino. Quando afirmado para o grupo que a fecundação é o encontro entre óvulo e espermatozoide e ocorre no útero originando o embrião, 55.2% concordaram, 8.0% discordaram e 36.8% disseram não saber. Esses dados demonstram que 92% dos alunos não sabem ou sabem incorretamente onde ocorre a fecundação.

Ao conduzir a oficina, os alunos foram sendo indagados com relação às funções e localização das estruturas e sobre os hormônios sexuais. Perguntados se

sabiam que o espermatozoide e o óvulo são as células reprodutoras do homem e da mulher, 68.3% do alunos afirmaram que sim, 8.0% disseram que não e 23.7% disseram não saber. Destaco o pouco conhecimento por parte dos alunos acerca dos termos científicos, por exemplo, quando citei a palavra “ereção” alguns não sabiam do que se tratava, até eu explicar para eles na linguagem popular. Diante dos desenhos apresentados e dúvidas apresentadas, é perceptível que poucos alunos demonstraram conhecimentos com relação às estruturas que compõem o organismo do homem e da mulher, sendo destacados as genitálias externas e muito pouco do aparelho reprodutor interno, principalmente do masculino. Podemos visualizar por meio dos desenhos apresentados pelos grupos.



Quadro 3: Desenhos dos aparelhos reprodutor masculino e feminino

O tamanho e formato do pênis e da vagina foram bem discutidos, visto que a maioria tinha curiosidade em saber o que leva o homem a ter pênis grande ou pequeno? Segundo Suplicy (1999, p.78), “O tamanho é uma característica particular que faz parte da carga hereditária do indivíduo”. Outra preocupação dos jovens é se esses fatores têm relação com o desempenho sexual do homem e da mulher, muitos temem algum tipo de problema em satisfazer a parceira na hora do sexo. Suplicy, (1999, p.78) explica que “o tamanho do pênis não determina a capacidade de ter ou propiciar maior ou menor prazer sexual”.

A masturbação foi um ponto muito comentado, principalmente pelo fato de acharem que é algo que pode trazer algum problema para o corpo, devido a muitos mitos relacionados a essa prática. A primeira pergunta foi “se o menino se masturbar, cresce os peitos?” e “se a menina se masturbar ela pode perder a virgindade?”. O grupo não tinha a maturidade de enxergar a masturbação como algo saudável e prazeroso que faz parte de uma experiência construtiva para a vida. De acordo com Suplicy (1999, p.101) “a masturbação faz parte do processo de sexualização e expressão sexual que depende das necessidades individuais de cada pessoa e das circunstâncias afetivo-emocionais em cada período da vida”.

Com relação aos hormônios, os alunos também sabiam muito pouco a respeito. Quando perguntados se indivíduos do sexo masculino que tomam testosterona há longo prazo desenvolvem mais os caracteres sexuais secundários, 15.8% afirmaram que sim, 13.2% negaram e 71.0% disseram não saber sobre o assunto. Diante dessa resposta salienta-se a importância de se trabalhar em sala de aula por longos períodos dos anabolizantes, visto que têm sido utilizados com frequência pelos adolescentes que buscam um “corpo perfeito” e que ignoram os seus efeitos; como por exemplo; a não produção de testosterona. Durante a explicação, passaram a compreender a importância dos hormônios, relacionando-os ao funcionamento do organismo e às mudanças físicas e psicológicas que ocorrem durante a puberdade.

Foi afirmado ao grupo que toda menina menstrua com 12 anos de idade, sendo que 18.4% concordaram com a afirmação, 65.8% discordaram, e 15.8% disseram não saber. Precisamos quebrar o mito de que a primeira relação sexual não engravida, visto que 29% dos entrevistados não sabem ou pensam erroneamente sobre o assunto. Muitos questionamentos foram feitos durante a aula, principalmente com

relação à oscilação hormonal que ocorre no corpo da mulher durante o ciclo menstrual. O porquê de a mulher ter tensão pré menstrual e cólica? A questão da quantidade de pelos no corpo, a idade da primeira menstruação, o volume do fluxo menstrual e os sintomas variados que as mulheres podem sentir durante o período da menstruação. Várias hipóteses foram criadas e dúvidas sanadas sendo construído o conhecimento científico de forma dialogada e participativa.

Na execução da quarta oficina foi problematizado “a partir de qual momento a mulher é capaz de ter filhos?” utilizando o filme “Juno” como recurso áudio visual, foi possível por meio da história contada no filme envolver os alunos numa discussão sobre gravidez na adolescência. Quando afirmado para eles que uma menina de 12 anos, que ainda não menstrua e que teve sua primeira relação sexual sem proteção e engravidou-se, 15.8% concordaram, 60.5% discordaram e 23.7% disseram não saber. Mais da metade do grupo tem a percepção de que o organismo feminino está preparado e maduro após a primeira menstruação.

A gravidez na adolescência foi bem discutida entre os alunos, que relataram ter consciência dos problemas oriundos de uma gestação não planejada e consideraram o apoio das famílias o fator principal durante a gravidez. No grupo, nenhum jovem passou por essa situação, mas foi apontado como um fato normal e muito comum na família e no bairro. Eles têm a clareza de que por meio da relação sexual pode ocorrer fecundação das células reprodutoras, óvulo e espermatozoide gerando o desenvolvimento embrionário. Quando perguntado ao grupo se o primeiro sintoma da gravidez é o atraso menstrual, 76.3% afirmaram que sim, 10.5% negaram e 13.2% disseram não saber. Contudo foi possível verificar que alguns estudantes ainda não sabem que algumas mulheres podem menstruar durante a gravidez ou parar de menstruar devido a algum problema hormonal ou até mesmo a formação de miomas.

O grupo tem a percepção de como um bebê muda a vida das pessoas, sendo a falta de maturidade muito questionada por eles, uma vez que a maioria se considera despreparada para ser pai ou mãe. Foram apontadas questões relacionadas a preconceitos que as adolescentes sofrem durante a gestação, entre elas, o fato de se tornarem alvo de brincadeiras e fofocas no meio social, o que é visto por eles como falta de respeito. A possibilidade de se abortar foi citada no filme e foi bem criticada pelo grupo que não aprova a prática. A doação de bebês após o nascimento gerou opiniões diversas; ser que alguns disseram sendo melhor doar o bebê do que abortá-

lo, outros disseram que o pai tem que assumir a responsabilidade e criar o bebê junto com a família.

Durante a quinta oficina, a problematização foi “O que leva a escolha do método contraceptivo?” os alunos tiveram a oportunidade de conhecer os contraceptivos e alguns de serem manuseados como: camisinha masculina e feminina, diafragma, pílula, injeção, pílula do dia seguinte e o DIU. Por meio das discussões geradas para cada método eles foram avaliando se, na visão deles, era considerado confiável, pouco confiável ou não confiável. Foi afirmado para o grupo que “o coito interrompido e a tabelinha são métodos contraceptivos muito eficientes” 8.0% concordaram, 8.0% discordaram e 84.0% disseram não saber. O pouco conhecimento do grupo a respeito dos métodos contraceptivos comportamentais gerou muita discussão, principalmente, a tabelinha que eles não sabiam como calcular o período fértil e tinham muitas dúvidas relacionadas ao seu significado. Sobre o coito interrompido devido aos questionamentos apresentados, ficou perceptível que a prática é bastante frequente entre os jovens, devido aos anseios e questionamentos apresentado. Eles desconheciam o fato de que o líquido que limpa o canal da uretra antes da ejaculação pode conter espermatozoides e fecundar o óvulo.

Os métodos hormonais foram bem aceitos pelo grupo, as meninas afirmaram usar pílula ou injeção. Quando perguntados se “o preservativo protege contra todas as DST’s e contra a gravidez indesejada”, 81.6% disseram que sim, 5.2% negaram e 13.2% disseram não saber. Demonstrando o conhecimento do grupo sobre o uso da camisinha, porém muitos relataram não usar.

Sobre a pílula do dia seguinte, foi perguntado para o grupo se “a contracepção de emergência (pílula do dia seguinte) pode ser usada constantemente”, 8.0% afirmaram que sim, 55.2% negaram e 36.8% disseram não saber. Salienta-se que 44.8% dos jovens não sabem que a contracepção de emergência leva alterações no corpo e na psique do indivíduo quando usada de forma indiscriminada. De acordo com Jardim e Brêtas (2006, p. 160) “as adolescentes já conhecem os métodos contraceptivos e continuam engravidando devido a uma lacuna entre o conhecimento e o uso dos contraceptivos e por muitos motivos este conhecimento não tem gerado ação”.

Outros métodos foram citados como: espermicida, adesivos cutâneos, e diafragma mas foram pouco discutidos, destacaram a eficiência dos métodos cirúrgicos vasectomia e laqueadura. O método escolhido deve propiciar uma

sensação de segurança ao casal, não interferir na espontaneidade da relação sexual e não provocar conflitos com sua religião, não deve causar danos orgânicos e ser adequado à idade, hábitos e saúde (SUPLICY,1999). Ao fim da oficina, percebi que o grupo construiu um conhecimento científico a respeito de cada método que poderá auxiliar nas tomadas de decisão em sua vida pessoal e contribuiu para a reflexão acerca da importância da contracepção.

O desenvolvimento da sexta oficina visou problematizar a afirmação de que “doença não tem cara”. Quando afirmado para o grupo que “Quem tem boas companhias não precisa se preocupar com as DST (Doenças Sexualmente Transmissíveis)” 13.1% dos alunos concordaram, 78.9% discordaram e 8.0% disseram não saber. Com isso, pudemos perceber que eles têm o entendimento de que as DST, não são percebidas por meio das aparências e das boas relações de amizade. Foram ainda destacadas as principais doenças sexualmente transmissíveis; o que provocou discussões sobre as imagens dos sintomas desenvolvidos pelas doenças nas genitálias masculina e feminina. Sobre as formas de transmissão das DST's, o grupo reconhece que o sexo sem proteção é a principal forma de contaminação, porém, quando questionados se “sexo oral transmite DST”, 42.1% afirmou que sim, 31.6% negou e 26.3% disse não saber. Sobre o tratamento das doenças, foi afirmado para o grupo que “todas as DST's têm tratamento e cura”, 10.5% do grupo disseram ser verdadeiro, 63.2% falso e 26.3% não souberam. Mais da metade do grupo tem conhecimento de que algumas DST's não possuem cura, sendo a mais comentada a AIDS.

A sétima oficina foi realizada para avaliar os conhecimentos e habilidades desenvolvidos pelo grupo sobre educação sexual, e de uma forma simples, dinâmica e divertida, foram revistas diversas situações discutidas ao longo das oficinas trabalhadas, testar os conhecimentos, tirar dúvidas e até mesmo aprender algo que ainda não havia sido compreendido. Essa fase da pesquisa permitiu perceber o quanto os alunos desenvolveram suas habilidades de questionar, refletir, analisar e serem críticos. Nas atividades que utilizam a metodologia investigativa, os estudantes interagem, exploram e experimentam o mundo natural, mas não são abandonados à própria sorte, nem ficam restritos a uma manipulação ativista e puramente lúdica. (LIMA e MARTINS, 2014). Possibilitando um amadurecimento sexual aliado a

conhecimentos científicos que serão muito importantes na vida dos jovens durante a tomada de decisões ao longo de suas vidas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação sexual e a orientação sexual são muito pouco discutidas entre os adolescentes, sendo de extrema necessidade para o desenvolvimento biológico e social, em consequência disso, temos altos índices de gravidez na adolescência e doenças sexualmente transmissíveis; além disso, os jovens com dificuldade de desenvolverem sua identidade e vida sexual ficam preocupados em seguir um padrão sexual imposto pela sociedade. Segundo Suplicy (1999, p. 89) “na nossa cultura ainda são poucos os adolescentes que têm informação e estrutura emocional para viver bem sua sexualidade, não somente a relação sexual, mas o viver a sexualidade na sua plenitude de prazer e descoberta”.

A orientação sexual nas escolas vem como uma proposta de auxiliar os jovens, eles sentem a necessidade de falar de seus sentimentos e ansiedades, dúvidas e emoções buscando soluções para seus problemas. É, bom lembrar, que o papel do educador durante as atividades de orientação sexual, não é o de impor a conformidade a um determinado padrão de comportamento, mas sim de proporcionar novos conhecimentos, estimular o questionamento do que se sabe e proporcionar intercâmbio de opiniões que levam a decisões individuais (SUPLICY, 1999). Devemos ressaltar o papel das famílias no processo de educação sexual de seus filhos, a importância do acompanhamento dos pais no processo da formação sexual. Quando a família e as escolas participam conjuntamente do processo de desenvolvimento e transformações no corpo e da mente, dos jovens facilita a formação de indivíduos conscientes e responsáveis por seus atos.

O método de abordagem investigativa por meio de oficinas utilizada na pesquisa, permitiu a construção dos conhecimento e desenvolvimento das habilidades aliados ao conhecimento que o aluno já possuía, partindo sempre de um problema relacionado ao tema, contribuindo muito para o entendimento e participação dos jovens. Dessa forma, Jardim e Brêtas (2006, p.160) enfatizam que “a educação sexual na escola não deve trazer respostas prontas, mas problematizar, levantar

questionamentos e ampliar o leque de conhecimentos e de opções para que cada um escolha seu próprio caminho”. Esse tipo de metodologia possibilita a participação e maior aproximação entre aluno e professor.

De acordo com Tonatto e Sapiro (2002, p. 172) “cada escola possui cultura e identidade próprias e, conseqüentemente, diferentes possibilidades de ação, sendo sugerido o uso dos PCN’s para reflexão e discussão”. Para o sucesso da orientação sexual, é preciso conhecer as características da comunidade escolar inclusive fatores sociais e culturais para facilitar e permitir uma orientação de acordo com as necessidades observadas pelo professor. A equipe docente precisa se interessar pelo assunto, lembrando que se trata de um tema transversal de importância social. Segundo Piasentim e Braga (2009, p.161) “deve-se estabelecer um programa de capacitação em sexualidade para os professores interessados de modo que eles enfrentem os problemas com objetividade, sem medo e sem alarde”. Promovendo assim a formação e condições para que o profissional da educação desenvolva orientação sexual nas escolas e auxilie seus alunos nas questões sobre sexualidade.

Temos um longo caminho a percorrer a fim de que à orientação sexual nas escolas se torne um tema desenvolvido de forma interdisciplinar, e devemos lembrar que, além de ensinar o papel biológico, devemos ter participação na formação social dos jovens, contribuindo, assim para as tomadas de decisão durante sua vida. Sabemos que a tarefa é difícil, mas não podemos esquecer que a escola e a família têm o dever de orientarem os jovens, de forma dialógica, em sua sexualidade.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR Jr. O. G; PAULA. H. F. **Apostila da disciplina Ensino de Ciências com caráter investigativo D**. Cecimig/Fae/UFMG. Belo horizonte, 2015.

ALENCAR, R. A. et al. **Desenvolvimento de uma proposta de Educação Sexual para adolescentes**. Ciência & Educação, São Paulo, v.14, n.1, p. 159-168,2008. <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v14n1/11.pdf>. Acesso em: 06/06/2015.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CANO, M.A.T; FERRIANI, M.G.C; GOMES, R. **Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico**. Rev.latioam.enfermagem, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 18-24, abril 2000. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/115758581/SEXUALIDADE-NA-ADOLESCENCIA-UM-ESTUDO-BIBLIOGRAFICO#scribd>. Acesso em: 06/06/2015.

DAL-FARRA. R. A, LOPES. P. T. C. **Métodos mistos de pesquisa em educação**. Rev. Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 24, n. 3, p. 67-80, set./dez. 2013.

JARDIM, D.P; BRÊTAS, J. R. S. **Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira-SP**. Rev Bras Enferm, 2006, mar-abr; 59(2):157-62. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v59n2/a07.pdf>. Acesso em: 28/06/2015.

LEITE. J. C; RODRIGUES. M. A; JUNIOR. C. A.O. M. **Ensino por investigação na visão de professores de ciências em um contexto de formação continuada**. IV Simpósio Nacional de Ensino em Ciências e Tecnologia. Ponta Grossa/PR, 20014.

LIMA, M.E.C. JÚNIOR, O.A. PAULA, H.D. **Apostila da disciplina Formação e Evolução de Conceitos**. Cecimig/Fae/UFMG. Belo horizonte, 2015.

LIMA, M. E. C. C., AGUIAR Jr., O.; BRAGA, S. A. M. **Ensinar ciências**. Presença Pedagógica. Belo Horizonte, v.6, n.33, p.90-92, mai./jun., 2000. Disponível em: https://virtual.ufmg.br/20151/pluginfile.php/188027/mod_resource/content/1/ensinar%20ci%C3%A7ncias.pdf. Acesso em: 06/08/2015.

LIMA, M.E.C de C; MARTINS, C.M de C. **Apostila da disciplina Ensino de Ciências com caráter investigativo A**. Cecimig/Fae/UFMG. Belo horizonte, 2014.

LOURO. G.L. **Corpo, escola e identidade**. Revista: Educação e Realidade (25/2) p. 59-76. Porto Alegre/RS, 2000.

MORTIMER, E.; SCOTT, P. Atividade discursiva nas salas de aula de ciências: uma ferramenta sociocultural para analisar e planejar o ensino. **Investigações em Ensino de Ciências**, v.7, n.3, 2002. Disponível em: http://www.if.ufrgs.br/ienci/artigos/Artigo_ID94/v7_n3_a2002.pdf. Acesso em 17/11/2015.

OLIVEIRA, L. C; LIMA, J. O; PAGAN, A. A. **Uso de sequência didática para discutir sexualidade nas escolas**. VI Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”. Sergipe, 2012.

PIASENTIM. R. L. A, BRAGA. E. L. R. **Sexualidade e adolescência nas 5ª séries**. Universidade Estadual de Maringá. Mandaguari – SP, 2008/2009.

Portal Brasil, Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/saude/2012/04/campanhas-educativas-previnem-a-gravidez-precoce-no-pais>> Acesso em 21/03/2016.

Portal Brasil, Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/saude/2011/09/hiv-e-dst-em-mulheres>> Acesso em 21/03/2016.

QUEIROZ. D.T. et al. **Observação participante na pesquisa qualitativa: Conceitos e aplicações na área da saúde**. R Enferm UERJ, Rio de Janeiro, abr/jun; 15(2):276-83, 2007.

RIBEIRO. E.B. et al, **Sequência didática – 8º ano – E.F. A preservação da espécie e do indivíduo**. Sequências Didáticas convite a ação – Ciências. Goiânia, p. 24-48, 2009.

SÁ. E. F. de, PAULA, H. de F. e, LIMA, M. E. C. de C. e AGUIAR, O. G. de. **As Características das Atividades Investigativas Segundo Tutores e Coordenadores de um Curso de Especialização em Ensino de Ciências**. In: *Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Ciências*. Atas. SBF. Florianópolis, 2007.

SOUZA, Hália Pauliv de. **Convivendo com seu sexo (Pais e Professores)**. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1991.

SUPLICY, M. et al. **Guia de orientação sexual: diretrizes e metodologia**. 2ª ed. São Paulo – SP, Casa do Psicólogo; 1994.

SUPLICY, M. **Conversando sobre sexo**. 20ª ed. Editora Vozes Ltda. Petrópolis – RJ, 1999.

TONATTO, S. SAPIRO, C. M. **Os novos parâmetros curriculares das escolas brasileiras e educação sexual: Uma proposta de intervenção em ciências**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *Psicologia e Sociedade*; 14(2): 163-175; Jul/dez. 2002.

VYGOTSKY. L.S. **Formação social da mente**. Martins Fontes. São Paulo. 2007.

ANEXO:**Anexo: 1****UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

Faculdade de Educação

CECIMIG – Centro de Ensino de Ciências e Matemática de Minas Gerais

ENCI – Especialização em Ciências por Investigação

Andreisa Bahia dos Santos Souza**Orientação sexual, sequência didática com abordagem investigativa****AUTORIZAÇÃO DA ESCOLA PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA**

Eu, Rogério Vignoli Federman, M 438031, Diretor da Escola Estadual Reny de Souza Lima, autorizo a professora Andreisa Bahia Dos Santos Souza, aluna da Especialização em Ensino de Ciências por Investigação, da Universidade Federal de Minas Gerais, que solicitou permissão para realizar, nessa Instituição de Ensino, sua pesquisa. A pesquisadora me apresentou o projeto intitulado **“Proposta de uma Sequência Didática em Educação Sexual com abordagem investigativa”**, que tem por objetivo avaliar a metodologia investigativa durante as aulas de Educação Sexual. O projeto ocorrerá nas aulas de biologia da própria professora, durante o mês de Março de 2016. Estou ciente de que o trabalho envolverá a participação ativa dos alunos no desenvolvimento das atividades propostas pelo professor pesquisador. Segundo a pesquisadora, eu e minha equipe pedagógica poderemos participar de todas as instâncias do planejamento das aulas, incluindo implementação e análise. A pesquisadora esclareceu que não haverá nenhum tipo de pagamento ou gratificação financeira pela participação dos sujeitos. Assegurou a privacidade quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa. Estou ciente de que os nomes dos alunos, do professor, de funcionários ou da escola não serão citados em nenhum documento produzido no processo, pois o pesquisador resguardará pelo sigilo e anonimato.

Comunicou que os resultados da pesquisa serão divulgados para todos os participantes do projeto e demais interessados, em dia e local que eu definir.

Sinto-me esclarecido em relação à proposta e concordo em participar voluntariamente desta pesquisa. Reconheço sua importância e as possíveis contribuições que poderá trazer ao processo de ensino e aprendizagem de Ciências. Sendo assim, autorizo a realização da pesquisa nesta Instituição.

Santa Luzia, _____ de Março de 2016

Rogério Vignoli Federman – RG:



ESCOLA ESTADUAL RENY DE SOUZA LIMA

Rua: Estefania Sales Sotero, S/N, Palmital

Santa Luzia – Minas Gerais – Cep :33140-180

Tel: 3637-6222 Email: renysouzalima@bol.com.br

Anexo 2:**ESCOLA ESTADUAL RENY DE SOUZA LIMA
ENSINO FUNDAMENTAL E MEDIO**

Rua: Estefania Sales Sotero, S/N, Palmital
Santa Luzia – Minas Gerais – Cep :33140-180
Tel: 3637-6222 Email: renysouzalima@bol.com.br

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Senhores pais e responsáveis, eu Andreisa Bahia dos Santos Souza, Professora de Biologia e vice- diretora dessa instituição de ensino, gostaria de sua autorização através desse termo de consentimento livre e esclarecido, para que seu filho(a) participe de uma sequência de oficinas sobre Educação Sexual. As aulas fazem parte do currículo de Ciências e Biologia e serão usadas também, para o desenvolvimento do meu trabalho acadêmico na Especialização em Ensino de Ciências por Investigação na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Durante as aulas os alunos irão responder questionários e participar de debates e discussões sobre o tema. Para uso do trabalho acadêmico a identidade dos jovens será preservada e será citado caso necessário no trabalho apenas nomes fictícios. Os resultados da pesquisa poderão tornar-se públicos via monografia, congressos, encontros, simpósios e revistas especializadas, mas o seu anonimato está garantido. Os dados coletados somente serão utilizados para fins desta pesquisa e os questionários serão arquivados pela pesquisadora responsável por um período de cinco anos, sendo garantido o sigilo de todo conteúdo. A participação é muito importante para a formação dos alunos e nos estudos para melhoria dos métodos pedagógicos utilizados pelos professores.

Desde já agradeço pela sua colaboração.

Eu _____

Identidade/ CPF _____

Autorizo meu filho(a) _____

Turma: _____ a participar das oficinas de educação sexual.

Santa Luzia, _____ de _____ de 2016

Anexo:3



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Educação

CECIMIG – Centro de Ensino de Ciências e Matemática de Minas Geraí

ENCI – Especialização em Ciências por Investigação

Andreisa Bahia dos Santos Souza



Proposta de uma Sequência Didática em Educação Sexual com abordagem investigativa

Pré teste sobre Educação Sexual

- Leia atentamente as perguntas e responda individualmente de acordo com seus conhecimentos

Série: _____ **Idade:** _____

	Verdadeiro	Falso	Não sei
1. Sexualidade é sinônimo de relação sexual.			
2. A sexualidade inicia-se na adolescência e termina na 3ª idade.			
3. Indivíduos do sexo masculino que tomam testosterona a longo prazo desenvolvem mais os caracteres sexuais secundários.			
4. Quem tem boas companhias não precisa se preocupar com as DST (doenças sexualmente transmissíveis).			
5. O preservativo protege contra todas as DST e contra a gravidez indesejada.			
6. Quando a mulher toma a pílula o homem não precisa usar preservativo pois ambos estão protegidos contra gravidez e DST.			
7. A contracepção de emergência (pílula do dia seguinte) pode ser usada constantemente.			
8. O preservativo é um método usado somente pelos homens.			
9. Na primeira relação sexual desprotegida não há risco de engravidar.			
10. Usar 2 preservativos protege mais que usar um.			
11. Uma moça de 12 anos que ainda não menstrua teve sua primeira relação sexual sem proteção e engravidou.			
12. A menstruação é a liberação do óvulo não fecundado.			
13. Espermatozoide e óvulo são as células reprodutoras do homem e da mulher respectivamente.			
14. Fecundação é o encontro entre óvulo e espermatozoide e ocorre no útero originando o embrião.			
15. O primeiro sintoma da gravidez é o atraso menstrual.			
16. Sexo oral transmite DST.			

17. Toda menina menstrua com 12 anos de idade.			
18. O Exame de toque é feito nos homens para avaliar o funcionamento da próstata.			
19. Todas as DST tem tratamento e cura.			
20. O coito interrompido e a tabelinha são métodos contraceptivos muito eficientes.			

ANEXO – 4



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Educação

CECIMIG – Centro de Ensino de Ciências e Matemática de Minas Geraí

ENCI – Especialização em Ciências por Investigação

Andreisa Bahia dos Santos Souza

Orientação Sexual, sequência didática com abordagem investigativa

SEMÁFORO CONTRACEPTIVO

Grupo: _____

Data: _____ Turma: _____

- Identifique os métodos contraceptivos, pense no método sendo utilizado todos os meses e sinalize com as cores:

Verde = confiável Amarelo = pouco confiável Vermelho = não confiável

CONTRACEPTIVO	CONFIABILIDADE	OBSERVAÇÕES
Tabelinha		
Coito interrompido		
Pílula		
Injeção		
Pílula do dia seguinte		
Camisinha masculina		
Camisinha feminina		
DIU		
Vasectomia		



Laqueadura		
Diafragma		
Espemicida		

